

**ALFABETIZAÇÃO NA SÍNDROME DE DOWN:
ANÁLISE DAS DIRETRIZES EM CONTEXTO CLÍNICO FONOAUDIOLÓGICO**

Thaise da Conceição N.C. de Andrade¹, Isabelle Cahino Delgado².

(1) Graduanda em Fonoaudiologia; curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

(2) Fonoaudióloga (a); Docente do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

Instituição: Pesquisa realizada no Departamento de Fonoaudiologia, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa (PB), Brasil.

Endereço para correspondência:

Thaise da Conceição N.C. de Andrade. R. Deputado Geraldo Mariz, 742. Tambauzinho. Tel.: (83) 999983556. E-mail: thaiseandradejp@gmail.com

Isabelle Cahino Delgado. Departamento de Fonoaudiologia, Centro de Ciências da Saúde. Cidade Universitária - Campus I, Bairro Castelo Branco, João Pessoa (PB), Brasil, CEP:58051-900. Tel.: (83) 99634 - 6669. E-mail: fgaisabelle@hotmail.com

A553a Andrade, Thaise da

Alfabetização na síndrome de Down : Análise das diretrizes em contexto clínico fonoaudiológico / Thaise da Conceição N. C. de Andrade. -- João Pessoa, 2017.

27f.: il. -

Orientadora: Isabelle Cahino Delgado.

1. Linguagem. 2. Síndrome de Down. 3. Escrita. 4.

BS/C

CDU:

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar a aprendizagem da linguagem escrita de jovens com síndrome de Down não alfabetizados em contexto clínico fonoaudiológico. Participaram dessa pesquisa nove jovens com Síndrome de Down, não alfabetizados, que estavam inseridos em uma turma de Educação de Jovens e Adultos ou em Escola Inclusiva. A pesquisa contou com uma avaliação, intervenção e posterior reavaliação. Nos três momentos foram utilizadas atividades que envolviam as habilidades de reconhecimento de letras, consciência fonológica, consciência de sílabas, consciência de palavras, atenção, reconhecimento e figura fundo. Os resultados mostraram que a associação das atividades elaboradas em Fonoterapia e aquelas desenvolvidas em contexto escolar possibilitaram aos jovens o avanço quanto ao reconhecimento de letras, consciência de palavras e consciência fonológica. Concluímos, a partir do estudo realizado, que as habilidades desenvolvidas na intervenção possibilitaram que os participantes não alfabetizados, porém letrados, pudessem avançar quanto à aprendizagem da linguagem escrita.

Palavras Chaves: Linguagem, Síndrome de Down, Escrita.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que as alterações genéticas na Síndrome de Down (SD) modificam o desenvolvimento, maturação do organismo e a cognição (ROMERO, 2014) Esse processo é complexo, no entanto, a criança com SD ainda no estágio fetal, já apresenta alterações no desenvolvimento, as quais determinam algumas de suas características mais marcantes como o distúrbio de aprendizagem e desenvolvimento. Assim, a aprendizagem da linguagem escrita irá depender do déficit cognitivo, havendo prejuízos particularmente evidentes em algumas áreas, tal como a linguagem expressiva e a memória de trabalho, mais especificamente no componente fonológico (KENNEDY, 2003).

Vale salientar que, mesmo na presença de tais inabilidades, a pessoa com síndrome de Down tem um grande potencial a ser desenvolvido, em especial quando participa de sessões de acompanhamento interdisciplinar, incluindo a Fonoterapia, e quando há envolvimento e participação escolar e familiar ao longo deste processo. Dessa maneira, quando bem assistidas, as pessoas com síndrome de Down desenvolvem inúmeras habilidades, quer seja no campo da comunicação oral, da música, do teatro, da dança, do esporte e assim por diante.

Atualmente considera-se que a leitura e a escrita são conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo e precedem a aprendizagem de uma enorme gama de conteúdos acadêmicos. Entretanto, os baixos índices de alfabetização em idade apropriada no Brasil evidenciam a urgente necessidade de se compreender melhor os mecanismos relacionados à aprendizagem da linguagem escrita (BARBY; GUIMARÃES, 2016).

Esta aprendizagem no Brasil está mais ligada à noção de *fracasso* do que de *sucesso*. Tal fato pode ser constatado por meio de indicadores internacionais e nacionais de desempenho em leitura, onde os brasileiros figuram sempre entre os últimos colocados (SIGNOR, 2013). Sabemos que a aprendizagem é vista como um processo construído através da linguagem nas interações e ações entre professores e alunos, tanto no plano individual quanto no plano coletivo. Por meio da linguagem, os conceitos cotidianos vão dando lugar à elaboração de conceitos científicos: novas palavras são aprendidas e os significados das palavras corriqueiras vão sendo ampliados com novas interpretações (GOMES, 2005).

Pressupõe-se que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem nos quadros de SD encontram-se comprometidas (PEREIRA; OLIVEIRA, 2015), o que dificultará esta aprendizagem. Segundo Schwartzman (1999), o desenvolvimento da aprendizagem da criança com síndrome de Down é muito mais lento. O cálculo, a leitura e a escrita demoram mais tempo para serem absorvidos. No entanto, a maioria dessas pessoas tem condições de serem alfabetizadas.

Partindo desse pressuposto a inserção de alunos com SD na Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou na proposta de uma Escola Inclusiva, vem proporcionar uma aproximação aos contextos da Alfabetização e do Letramento na instância escolar, aspecto este que pode garantir um efetivo desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. A Fonoaudiologia se insere nesse contexto como forma de auxiliar essa Alfabetização e propor uma melhor aprendizagem para essas pessoas. Além disso, esperamos que em *setting* terapêutico fonoaudiológico, esses jovens tenham respostas positivas, advindas dos conhecimentos adquiridos na escola. Sendo assim, essa pesquisa trás como objetivo analisar a aprendizagem da

linguagem escrita de jovens com síndrome de Down não alfabetizados em contexto clínico fonoaudiológico.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativo-quantitativa, intervencionista e longitudinal, com o objetivo de analisar a aprendizagem da linguagem escrita de jovens com síndrome de Down não alfabetizados em contexto clínico fonoaudiológico. Dela participam 09 jovens com síndrome de Down, de ambos os gêneros, com idade cronológica compreendida entre 10 e 27 anos de idade.

Esta pesquisa recebeu aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – UFPB sob o parecer nº 0386/15 e os pais consentiram participação e publicação dos resultados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto no qual os sujeitos fazem parte viabilizou sua realização: “Programa de Estimulação Fonoaudiológica a pessoas com Síndrome de Down”. Foram selecionados 09 jovens que frequentam o projeto e estão inseridos em uma turma da EJA ou em Escola Inclusiva. Para avaliar o desempenho dos sujeitos foi realizada a aplicação do *Plano de avaliação para linguagem escrita no processo de alfabetização na Síndrome de Down*, que avaliou as habilidades de reconhecimento de letras, consciência fonológica, consciência de sílabas, consciência de palavras, atenção, reconhecimento e figura fundo.

Estes pacientes passaram por duas fases de avaliação. A primeira na qual foram avaliados quanto às habilidades de leitura e escrita e, em seguida, iniciaram o processo de intervenção que durou quatro meses e cada sessão tinha duração de quarenta e cinco minutos, e na segunda fase eles foram reavaliados. O processo

terapêutico durou 10 sessões, realizadas semanalmente, a partir da primeira avaliação.

Os dados obtidos foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. Os dados foram categorizados e alocados em planilha digital. Posteriormente, as variáveis foram analisadas de forma descritiva, considerando as respostas obtidas ao longo de cada sessão, bem como as respostas obtidas pré e pós intervenção.

RESULTADOS

[TABELA 1]

Na tabela 1, verificamos a avaliação dos jovens onde seis apresentam resultado satisfatório e os outros dois apresentam resposta regular e insatisfatória. Tal prova exigia que eles fizessem a leitura das letras do alfabeto. Na reavaliação o número de jovens com resposta satisfatória aumentou e o jovem que anteriormente apresentou resultado insatisfatório passou a ser regular.

[TABELA 2]

Na tabela 2, observamos o desempenho dos jovens na avaliação, onde sete apontam resultado insatisfatório e os demais apresentam resultado regular ou satisfatório. Nesta prova era apresentada uma série de cartões onde os jovens deveriam formar palavras a partir das sílabas apresentadas. Na reavaliação os jovens dispõem de respostas regulares, ou mantêm o padrão de resposta apresentado anteriormente.

[TABELA 3]

Na tabela 3, dispomos do desempenho dos jovens na avaliação, onde cinco jovens apresentam resultado regular, dois satisfatórios e dois insatisfatórios. Essa prova exigia que os jovens fizessem o reconhecimento dos fonemas, que eram falados pelo terapeuta e marcassem em uma cartela o resultado a partir de sua percepção. Na reavaliação, cinco desses jovens passam a ter resultado satisfatório e os demais mantêm o padrão de resposta.

DISCUSSÃO

Na literatura encontramos uma grande defasagem quando tratamos da aprendizagem da linguagem escrita em pessoas com síndrome de Down que não foram alfabetizadas ou estão em processo de alfabetização. A pesquisa de Barby e Guimarães (2016) se aproxima dos resultados que encontramos no presente estudo, onde os sujeitos da pesquisa nomeiam partes das letras apresentadas e identificam as letras que foram apresentadas aleatoriamente. Como observamos na atividade de reconhecimento de letras, os jovens da presente pesquisa conseguem avançar nesse contexto ou mantem seu padrão de resposta.

Observamos uma relação com o presente estudo no momento em os jovens precisavam nomear as letras e em seguida preencher as que estavam faltando, desta maneira, no momento da reavaliação, obtiveram respostas melhores ao fazerem associação à atividade que havia sido trabalhada anteriormente.

Levando em consideração que os jovens estão sendo alfabetizados, consideramos que houve avanços positivos na atividade de formação de palavras, uma vez que eles conseguem fazer a associação do conteúdo que vem sendo trabalhado na escola onde frequentam. O estudo de Lemos e Fuchs (2010) refere-

se à existência de uma relação positiva entre o desenvolvimento da consciência fonológica (CF) e a aquisição da leitura. Nos estudos nacionais foram encontradas correlações positivas entre a CF e o aprendizado da escrita em crianças com SD.

Ao observarmos a tabela 3, podemos fazer uma relação positiva com o desenvolvimento de consciência fonológica e a linguagem escrita, pois no momento de avaliação os jovens apresentavam dificuldade em fazer relação entre o som da letra e a sua grafia, mas no segundo momento eles conseguem evoluir de maneira significativa.

Nas propostas que envolviam o reconhecimento de letras e formação de palavras que eram consideradas de baixa complexidade observou-se que houve uma evolução ou manutenção do padrão de resposta, levando-nos a acreditar que se o número de sessões fosse maior, todos os jovens conseguiriam manter o mesmo padrão de resposta. As demais atividades que envolviam reconhecimento de sílabas, atenção, reconhecimento e figura fundo, foram consideradas com um nível maior de complexidade, na qual os jovens necessitavam utilizar outras habilidades tais como a auditiva, para alcançar o êxito.

Assim sendo, o estudo de Bissoto (2005) faz a relação às habilidades auditivas propriamente ditas, no qual o déficit cognitivo pode afetar no desempenho auditivo. Relatos apontam que a medida da memória de curto prazo desses sujeitos é mais breve, o que dificulta no acompanhamento de mensagens faladas ou ordens direcionadas. A compreensão está prejudicada, visto que há dificuldade para raciocinar e relembrar informações, tarefas necessárias ao reconhecimento, análise e síntese auditivas. Na presente pesquisa, foi possível observar que não houve nenhum avanço dos jovens nestas tarefas, assim como aponta Bissoto (2005) em sua pesquisa, ou seja, eles mantiveram o mesmo padrão de resposta, fator este que

nos levar a crer que devemos investir nas provas de menor complexidade e com o decorrer das sessões as provas de maior complexidade devem ser trabalhadas.

Por isso, a continuidade das sessões fonoaudiológicas pode ser fator determinante para uma evolução significativa das habilidades aqui apontadas, assim como aquelas que não revelaram um alto índice de resposta positiva.

Além disso, gostaríamos de enfatizar a ideia de que as provas e habilidades descritas na presente pesquisa são vistas na área clínica fonoaudiológica como propulsoras às habilidades mais complexas de interpretação de leitura e produção textual, ou seja, o conteúdo aqui abordado pode ser visto como território facilitador para futuras aquisições mais complexas do sistema de leitura e escrita.

Precisamos, dessa maneira, em nossa prática clínica, valorizar e estimular habilidades como reconhecimento e formação de letras, sílabas e palavras, bem como consciência fonológica, atenção, reconhecimento e figura fundo visual e auditiva como incentivadoras às aptidões mais complexas de compreensão leitora e autoria na produção escrita.

CONCLUSÃO

Durante o presente estudo podemos perceber a necessidade de se ampliar uma proposta de intervenção direcionada para os sujeitos não alfabetizados, porém letrados. A fonoaudiologia necessita abarcar todos os sujeitos, não só aqueles que são alfabetizados e conseguem obter um melhor resultado nesse processo de aprendizagem. Os resultados encontrados nesta pesquisa mostram que os jovens conseguiram obter uma melhora, a partir do momento em que se foi feita a

associação do conteúdo da escola com o contexto fonoaudiológico, possibilitando aos jovens boas respostas para um melhor aprendizado da linguagem escrita.

REFERÊNCIAS

BARBY A.A.O.M., GUIMARÃES K.R.S. Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas e Aprendizagem da Leitura e da Escrita em Alunos com síndrome de Down. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.22, n. 3, p.381-398, 2016.

BISSOTO, M. L. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e percepções educacionais. **Ciência e Cognição**. Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.80-8,2005.

GOMES, M.F.C.; Relações entre desenvolvimento e aprendizagem na apropriação da leitura e da escrita. In: GOMES, M.F.C.; MONTEIRO, S.M. A aprendizagem e o ensino da linguagem escrita: caderno do professor. Belo Horizonte: **Ceale/FaE/UFMG**, 2005. p. 84 - (Coleção Alfabetização e Letramento).

KENNEDY EJ, FLYNN M.C. Training Phonological Awareness Skills in children with Down syndrome. **Res. Dev Disabil.** , p.44-57, 2003.

LEMOS,C.J.; FUCHS,D. Phonological awareness of children with Down syndrome: Its role in learning to read and the effectiveness of related in Snowling, M.J. & Gombert,J. (2002). **Reading and Writing**: Na Interdisciplinary Journal, Nijmegen, v.15, p.433-437,2010.

ROMERO, T.S. **Os processos de ensino e aprendizagem do aluno com síndrome de Down: Estudo no Noroeste do Paraná**. 2014. Monografia (Especialização) Medianeira, 2014.

SIGNOR, R. Escrever é reescrever: desenvolvendo competências em leitura e escrita no contexto da clínica fonoaudiológica Writing is Rewriting: Developing Reading and Writing Competences in the Context of Speech Therapy. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 123-143, 2013

ANEXOS

Tabela 1: Reconhecimento de letras

Variáveis		Insatisfatório	Regular	Satisfatório
Antes	Reconhecimento	1	1	6
Depois	de letras		1	8

Tabela 2: Formação de palavras

Variáveis		Insatisfatório	Regular	Satisfatório
Antes	Formação de	7	1	1
Depois	palavras	2	6	1

Tabela 3: Consciência Fonológica

Variáveis		Insatisfatório	Regular	Satisfatório
Antes	Consciência	2	5	2
Depois	Fonológica	2	2	5

APÊNDICE I

Plano de avaliação para linguagem escrita no processo de alfabetização na Síndrome de Down

(Capellini; Martins, 2013; Capellini; Batista, 2013)

Nome: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Data de aplicação do protocolo: ___/___/___

Prova 1 : O terapeuta deve apresentar cada letra do alfabeto para a criança e observar se a mesma faz nomeação correta (**Apêndice 1**).

() Insatisfatório () Regular () Satisfatório

Prova 2 : O terapeuta deverá colocar 4 letras do alfabeto dentro de uma caixa onde o sujeito deverá nomear através da percepção tátil – cenestésica (**Letras: P / B / M / L**).

() Insatisfatório () Regular () Satisfatório

Prova 3: Apresentar 9 letras para o sujeito e solicitar que realize formação de sílabas simples (Letras: P/B/M/T/D/N/L/F/V) (**Apêndice 2**).

() Insatisfatório () Regular () Satisfatório

Prova 4: Apresentar cartões de sílabas para que o sujeito realize formação de palavras (Palavra Secreta) (**Apêndice 3**).

() Insatisfatório () Regular () Satisfatório

Prova 5: Selecionar fonemas /P/ /M/ / D/ /L/ /V/ e pedir que o sujeito encontre figuras que comecem com o mesmo fonema (**Apêndice 4**).

() Insatisfatório () Regular () Satisfatório

Prova 6: Solicitar que o sujeito encontre no texto as palavras, a partir do fonema solicitado. Montar com o sujeito uma lista das palavras encontradas (**Apêndice 5**).

() Insatisfatório () Regular () Satisfatório

Prova 7: O terapeuta deve falar alguns fonemas e o sujeito deverá marcar na cartela o fonema dito (**Apêndice 6**).

() Insatisfatório () Regular () Satisfatório

Prova 8 : Apresentar o grafema “F” ao sujeito onde o mesmo deverá escolher duas figuras que comecem com o grafema indicado (**Apêndice 7**).

() Insatisfatório () Regular () Satisfatório

Prova 9: O terapeuta deverá ler junto com o sujeito o mini livro “A formiga preguiçosa” e em seguida deverão selecionar algumas palavras e escreve-las (**Apêndice 8**).

() Insatisfatório () Regular ()Satisfatório

9.1 O terapeuta deverá selecionar o texto para que o sujeito visualize a separação de cada palavra que forma as frases (**O texto deverá ser retirado do livro**).

() Insatisfatório () Regular ()Satisfatório

9.2 O terapeuta dirá algumas frases para que o escolar as separe oralmente, marcando com uma palma em cada palavra (**Frase a critério do terapeuta**).

() Insatisfatório () Regular ()Satisfatório

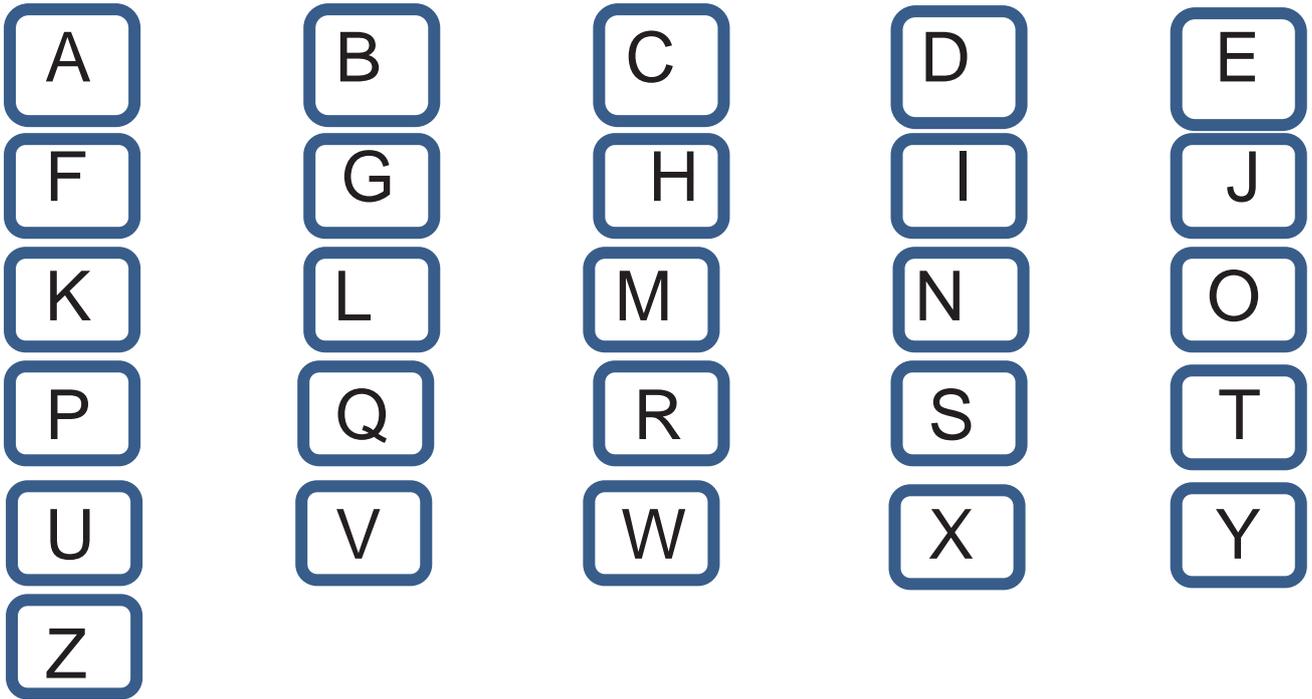
9.3 O terapeuta deverá apresentar frases escritas com junções indevidas, para que o escolar separe as palavras com barras (**Apêndice 09**).

() Insatisfatório () Regular ()Satisfatório

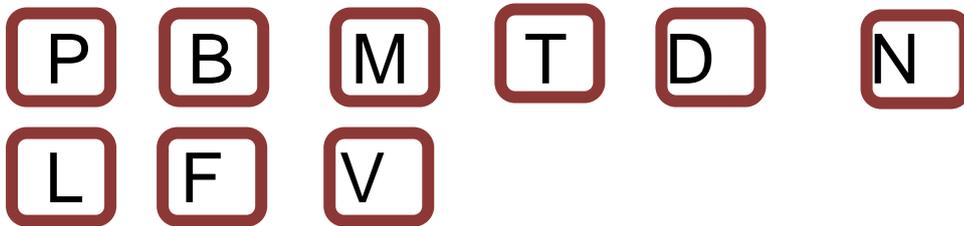
Observação

Espaço reservado para possíveis comentários acerca do que os sujeitos apresentaram diante da aplicação destas provas.

Apêndice 1



Apêndice 2



Apêndice 3

Cartão 4 – Bala / Cartão 30 – Limão / Cartão 07 – Boca / Cartão 28 – Lobo / Cartão 19 – Gola
/ Cartão 16 – Gato



Apêndice 4



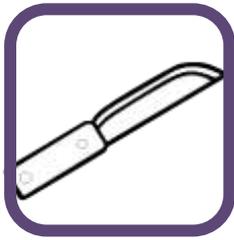
Apêndice 5

O pato e o sapo.
 O pato mora no lago.
 O sapo mora no mato.
 O sapo ri para o pato.
 O sapo vê o pato.
 O pato nada. Ele recita:
 - Pé de pato dá patada! Boca de sapo dá bocada!

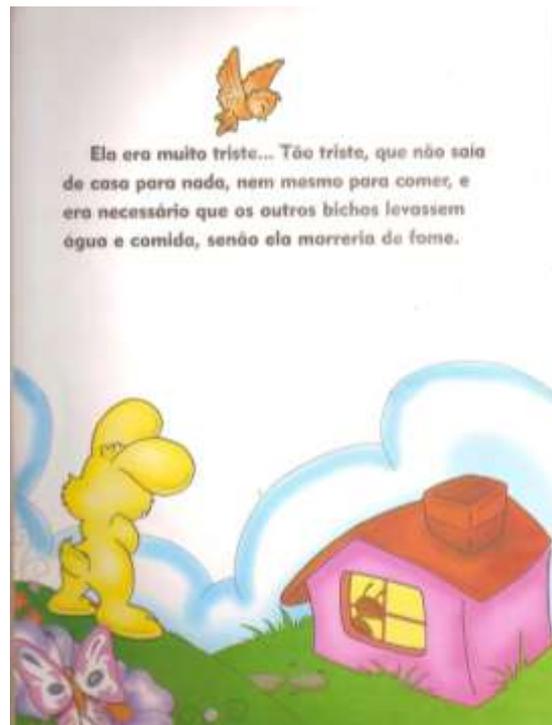
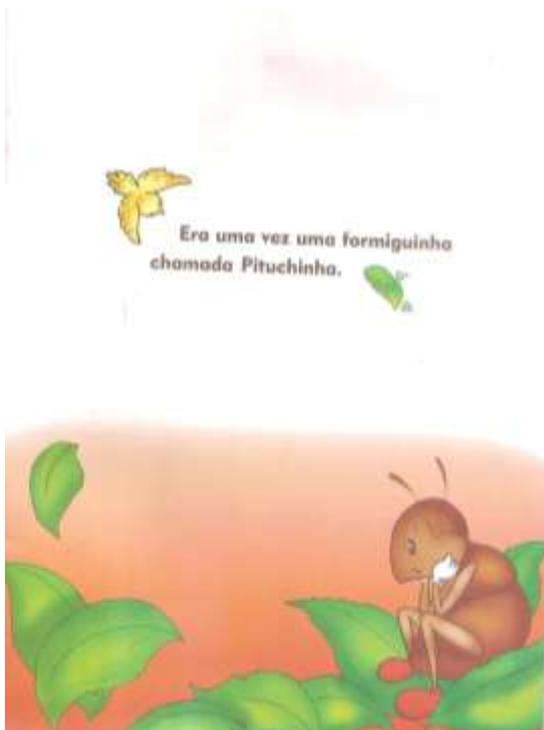
Apêndice 6

A	P	M	T	I
N	E	L	F	V
B	D	BINGO	N	E
V	O	N	M	B
A	F	I	T	U

Apêndice 7



Apêndice 8



Naquela manhã radiante todos os bichos estavam felizes, mas a formiguinha estava tristonha na porta da sua casa.

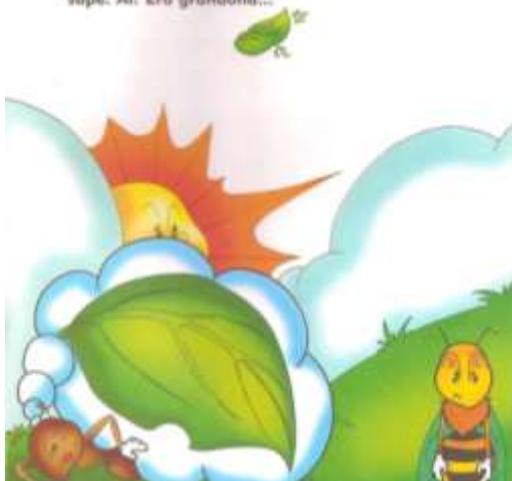
— Por que está tão triste, irmã Formiga? — perguntou a abelha alegre. — Sorria, a vida é maravilhosa... Veja os pássaros como cantam felizes, as cigarras com sua orquestra afinada...



— É o peso dos anos, irmã. Ai! — lamentou a formiga fazendo uma careta de dor. — Não tenho mais forças para carregar a menor folha de tamarindo.



— É tão jovem!
— Sou muito doente, irmã. Ai! — gemeu colocando as mãos nas costas. — A minha coluna deslocou quando eu carregava uma folha de sapé. Ai! Era grandona...



A abelha sentiu compaixão da formiga, entregou-lhe a refeição e se afastou.



No final da tarde, apareceu o coelho, que, após comer a sua cenoura, presenteou as folhas à formiga.

— Corta pra mim, irmão Coelho, estou tão fraco que não consigo nem andar... São os irmãos besouros que me levam para tomar sol. O coelho obedeceu e partiu para casa.



Na manhã seguinte, foi a vez da lagarta, que colheu folhas para alimentar a formiga.



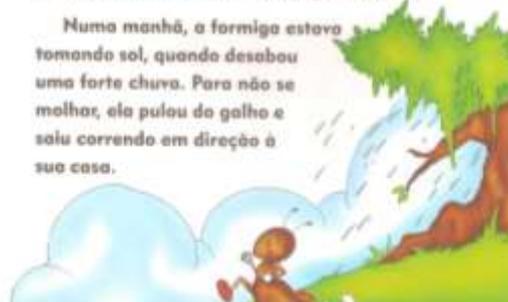
Dessa forma, todos os bichos da floresta, até mesmo a preguiça, que não fazia nada por si mesma, trabalhava para a formiga, que a cada dia exigia mais.

— Eu quero broto de samambaia, irmã Preguiça! — pediu Pituchinho quando a preguiça lhe trouxe folhas de sapé. E lá se foi a preguiça mata adentro, à procura do broto de samambaia para alimentar a formiga.



Mas o coelho, sempre arisco e malicioso, passou a observar a formiga secretamente. Na ausência dos outros bichos, a formiga agia normalmente e até colhia folhas para sua alimentação, quando o responsável atrasava e ela dizia que estava sem apetite, aumentando a preocupação de todos.

Numa manhã, a formiga estava tomando sol, quando desabou uma forte chuva. Para não se molhar, ela pulou do galho e saiu correndo em direção à sua casa.



— Sua mentirosa! — desabafou o coelho com raiva.
— Fazendo-se de doente para nos explorar!



— A partir de agora terá que trabalhar se quiser comer! — gritou a lagarta.
— E eu deitando de cuidar dos meus filhos para ajudar esse preguiçosa! — irritou-se a abelha.



— E eu? — falou a preguiça com a voz cansada.
— Não tenho coragem de buscar comida nem para mim, varria esta floresta à procura de brotos de samambaia para essa fingida!



— Você é a vergonha da nossa espécie, Pituchinha! — bradaram as formigas em coro.
Aos poucos, os bichos foram se afastando, até deixarem solitário a formiga preguiçosa, a qual, a partir daquele momento, teria que trabalhar para comer, pois provar, com seus atos, que nem sempre quem pede, é necessitado.



Apêndice 09

AFORMIGUINHACHAMADAPITUCHINHAERAMUITOTRISTE.

OCOELHOCOMEUUMACENOURAELEVOUASFOLHASPARAFORMIGA.

APÊNDICE II



Plano de intervenção para linguagem escrita no processo de alfabetização na Síndrome de Down

(Capellini; Martins, 2013; Capellini; Batista, 2013).

Nomeação de letras

- Sessão 01:
 - ✓ **Procedimento:** O terapeuta deve apresentar as letras do alfabeto, nomeando cada uma e solicitando a repetição da mesma. As letras serão coladas em um caderno de atividades na ordem correta. O terapeuta fará a apresentação e a nomeação com o jovem, até que este tenha automatizado esse conhecimento. Sugere-se que as letras estejam móveis para que o jovem tenha que nomeá-las e colocá-las na sequência correta. No final da sessão o terapeuta poderá apresentar o alfabeto incompleto para o escolar completar escrevendo caso saiba, ou mesmo colando as letras.

- Sessão 02:
 - ✓ **Procedimento:** O terapeuta deverá apresentar dois alfabetos completos, um com todas as consoantes na cor preta e as vogais na cor vermelha, e outro, com todas as vogais na cor preta e as consoantes na cor verde. Então deverá explicar ao jovem que as letras podem ser classificadas em consoantes e vogais e que devemos aprender esta diferenciação. Em seguida, pedir para que o jovem fale somente as vogais e depois somente as consoantes, podendo ter os dois alfabetos de apoio. No final da sessão, solicitar que escreva as vogais e as consoantes, da maneira que ele conseguir, nos lugares determinados previamente pelo terapeuta.

Consciência fonológica

- Sessão 03:
 - ✓ **Procedimento:** O terapeuta deverá perguntar como fica uma palavra adicionando uma sílaba, e o jovem deve escolher o desenho correspondente à resposta correta. Instruções: Agora eu vou dizer algumas palavras, e depois nós vamos colocar mais uma parte nessa palavra, e vamos criar novas palavras. Vejam essas linhas. Há cinco desenhos em cada linha. Na primeira temos: menina, canguru, rádio, torta e comeu [O terapeuta aponta os desenhos conforme fala seus nomes correspondentes]. Eu vou dizer uma palavra e nós vamos colocar mais um pedaço nessa palavra, e vai dar um desses desenhos. Por exemplo, a palavra “meu”. Como fica a palavra “meu” se eu colocar o pedacinho “co” na frente? Fica “comeu”.

Então qual desenho nós vamos marcar? O último, o desenho do “comeu”. Itens de teste:
Fala: **caco + ma no** começo; **figuras: macaco, presente, coruja, mala, chave.**

- Sessão 04:
 - ✓ **Procedimento:** A jovem deve julgar, dentre cinco itens, qual termina com o mesmo som que a palavra falada pelo examinador. Instruções: Vejam essas linhas. Há cinco desenhos em cada linha. Na primeira linha temos: castor, funil, bola, bode e remédio [O examinador aponta os desenhos conforme fala seus nomes correspondentes]. Vou dizer uma palavra, e vocês devem escolher o desenho que termina com o mesmo som dessa palavra. Por exemplo, olhem os desenhos dessa primeira linha. Qual dos cinco desenhos termina como a palavra “cola”? Isso é o desenho de bola. Itens de teste: palavra falada: **pão**; **figuras: chuveiro, apito, trator, mão.**

Consciência de sílaba

- Sessão 05:
 - ✓ **Procedimento:** O terapeuta deverá apresentar todas as famílias silábicas regulares (**BA, BE, BI, BO, BU, DA, DE, DI, DO, DU, FA, FE, FI, FO, FU, JÁ, JE, JI, JO, JU, LA, LE, LI, LO, LU, MA, ME, MI, MO, MU, NA, NE, NI, NO, NU, PA, PE, PI, PO, PU, RA, RE, RI, RO, RU, SA, SE, SI, SO, SU, TA, TE, TI, TO, TU, VA, VE, VI, VO, VU, XA, XE, XI, XO, XU, ZA, ZE, ZI, ZO, ZU**) dando exemplos de palavras escritas, de preferência de alta frequência, na posição inicial sempre que possível.
- Sessão 06:
 - ✓ **Procedimento:** O terapeuta deverá preparar um material com todas as palavras que foram selecionadas e usadas na intervenção anterior. Deverão ser feitas cartelas separadas com todas as sílabas que compõem as palavras e pedir que o jovem forme novas palavras a partir de novas combinações. O terapeuta deverá auxiliar no início fazendo junto algumas combinações.

Consciência de palavra

- Sessão 07:
 - ✓ **Procedimento:** O terapeuta e o jovem deverão fazer juntos, num primeiro momento, para que depois o escolar possa fazer sozinho. Será apresentado um quadro simples com 3 colunas. As palavras a serem utilizadas deverão ser selecionadas pelo terapeuta: palavras mais curtas e mais longas. A coluna palavra trará uma palavra já escrita para que o jovem faça a seguinte análise: 1) Coluna de sílabas: análise da quantidade de sílabas, em que o jovem deverá falar a palavra, dividir em sílabas e depois anotar o número correspondente no quadro. Se o jovem apresentar dificuldade, o terapeuta deverá auxiliar na atividade. 2) Coluna letras: análise da quantidade de letras, em que o jovem deverá realizar a soletração

da palavra e anotar o numero correspondente no quadro. Caso o jovem apresente dificuldade na soletração, a palavra deverá poder ser consultada.

- Sessão 08:

- ✓ **Procedimento:** Conforme a atividade anterior, o terapeuta deverá apresentar um quadro mais complexo para o jovem realizar análises complementares. O quadro completo apresentará uma frase selecionada para o jovem separar em palavras e anotar a quantidade. Depois, deverá escrever cada palavra na coluna correspondente e, em seguida fazer as mesmas análises do quadro simples, e realizar a separação de sílabas de cada palavra. Ao final da sessão o jovem deverá identificar e escrever a palavra mais curta e a mais longa da frase.

Atenção e reconhecimento auditivo e figura fundo

- Sessão 09:

- ✓ **Procedimento:** O terapeuta deverá apresentar palavras alvo (**FACA – BALA – PÃO**) e quatro figuras, será solicitado que o jovem coloque na ordem dita as figuras e as palavras escritas correspondentes. O jovem deverá ser direcionado a refletir que as palavras escritas formam o nome dos objetos, frutas, etc.

- Sessão 10:

- ✓ **Procedimento:** O terapeuta deverá apresentar três imagens e solicitar que o jovem pinte as imagens que terminem com o mesmo fonema de **LATA**. O jovem deverá refletir que as palavras podem ter o mesmo som que as demais palavras.

Sessão 01

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R
S T U V W X Y Z

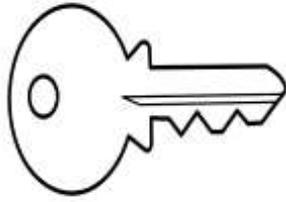
A - B - ___ - D - ___ - F - ___ - ___ - I
- ___ - K - ___ - ___ - N - O - P - Q - R
- ___ - ___ - U - V - W - ___ - Y - ___

Sessão 02

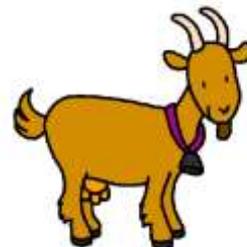
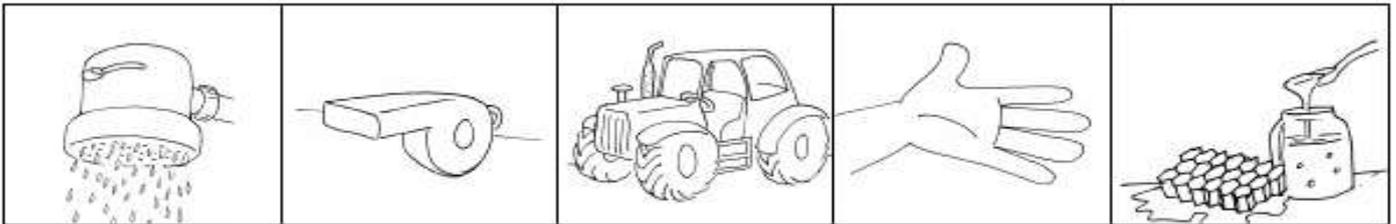
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R
S T U V W X Y Z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R
S T U V W X Y Z

Sessão 03



Sessão 04



Sessão 05

BA – BE – BI – BO – BU: bala, beba, bico, boi, bule.
DA – DE – DI – DO – DU: dama, dedo, ditado, dominó, duro.
JA – JE – JI – JO – JU: janela, jegue, jipe, jogo, Juca.
LA – LE – LI – LO – LU: lado, lema, liga, loba, luta.
MA – ME – MI – MO – MU: mala, medo, miolo, mole, muda.
NA – NE – NI – NO – NU: nanico, neve, Nico, nota, nuca.
PA – PE – PI – PO – PU: pato, peteca, pino, poema, pula.
RA – RE – RI – RO – RU: rato, remo, ripa, rodo, rua.
SA – SE – SI – SO – SU: sala, sebo, sino, soma, suco.
TA – TE – TI – TO – TU: tala, teto, time, toca, tucano.
VA – VE – VI – VO – VU: vaca, vela, vida, voto.
XA – XE – XI – XO – XU: xale, xerife, xixi, xodó, Xuxa.
ZA – ZE – ZI – ZO – ZU: zaga, zebu, Zina, zona, zulu.

Sessão 07

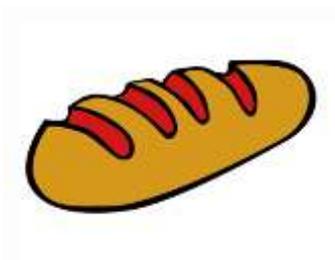
Palavra	Sílaba	Letra
Sala		
Poema		
Guia		
Queda		
Telha		
Choveu		
Minhoca		

Sessão 08

<i>O menino chora</i>		
<i>Quantidade de palavras:</i>		
<i>Palavra</i>	<i>Sílaba</i>	<i>Separação de Sílabas</i>

Palavra mais curta:	
Palavra mais longa:	

Sessão 09



BALA FACA PÃO

Sessão 10

Pinte as figuras cujos nomes terminam como *lata*:

